

OFICINA 8: A CRÔNICA



Alexandre Xavier Lima

Angélica de Oliveira Castilho Pereira

Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira

APRESENTAÇÃO

Pessoal, nossa conversa será sobre crônica essa semana.

TEXTOS ESSENCIALMENTE JORNALÍSTICOS

A nota jornalística, a notícia e a reportagem destinam-se a informar o leitor sobre os acontecimentos considerados relevantes para sociedade, quase sempre de maneira objetiva e esquemática. Investigam-se os agentes, o fato, o momento, o lugar e os motivos de um evento importante.

A CRÔNICA

Agora, você já parou para pensar sobre como se chega ao que é importante para a sociedade? Se olharmos as notícias de um jornal, teremos uma ideia do que um jornalista considera importante. No entanto, há muitas histórias, além das que são noticiadas, que merecem ser contadas para a reflexão do ser humano. Mais ainda, há notícias que merecem ser reescritas ou repensadas por um olhar particular, numa nova abordagem, com uma reflexão original. Quando um autor emprega sobre um dado tema tais intenções, está produzindo uma CRÔNICA.

A palavra “crônica” é uma herança do grego que significa “tempo”. O cronista é aquele que faz um relato sobre um recorte no tempo e coloca nesse relato a sua impressão. Foi usada ao longo da história com finalidades diferentes, desde informar as novas descobertas do novo mundo por parte dos navegadores e exploradores dos séculos XVI e XVII até entreter os leitores de um jornal sobre observações feitas do dia a dia.

Nesta oficina, você é convidado a ler duas crônicas que exemplificam as observações feitas até aqui: “Notícias de um Universo Paralelo” e “Macaco, olha o teu rabo!”. Depois, poderá refletir um pouco sobre os elementos essenciais de uma crônica na leitura dos slides e, por fim, realizar as propostas de produção desta oficina.

Se desejar, poderá assistir ao vídeo “Crônica - Brasil Escola” e participar do fórum “Que fatos despertaram seu desejo de comentá-los?”, contando histórias, fazendo comentários, tirando dúvidas.

Boa leitura e boas reflexões!

POWERPOINT

Título: Crônicas: narrativas do dia a dia

Descrição: Slides comentando as estruturas das crônicas “Notícias de um Universo Paralelo”, de Manuela Cantuária, e “Macaco, olha o teu rabo!”, de Angélica Castilho.

SLIDES

Capa:

Crônicas: narrativas do dia a dia

1) identificação do tema

Existe uma liberdade em relação à escolha do assunto (social, econômico, político, comportamental etc.). Dentre as possibilidades, o cronista seleciona um tema ou concilia mais de um tema por meio de uma articulação de ideias, como se observa no texto de Manuela Cantuária.

“As notícias aceleram meu batimento cardíaco feito comprimidos de cloroquina [...] o epicentro é aqui e não há leitos, nem respiradores, nem ministro da Saúde; governo federal garante a sobrevivência da vida pública de Mário Frias [...] Em meio a tantos absurdos, a notícia de que a Nasa teria descoberto evidências de um universo paralelo me pareceu bastante razoável”.

Ao longo do texto, a cronista cria uma série de relações entre a descoberta da Nasa e as notícias brasileiras.

Outra possibilidade é a aproximação que o cronista pode fazer entre sua vida e algum acontecimento social. Isso é explorado muito bem no texto de Angélica Castilho:

“Ando meio melancólica, com saudades da infância e da adolescência essa semana... Hoje, por força da data, acordei pensando em Judas Iscariotes. Precisamente no papel que ele ocupava quando eu era criança, porque Sábado de Aleluia era o dia de fazer parte da molecada que construía um boneco para depois arrebentar todo com pancadas...”

2) maneira como vai explorar o tema

Não há uma receita fechada em relação à forma de conduzir um texto. De maneira geral, o cronista deve considerar o tema, os leitores e o contexto em que seu texto será lido e aí definir a forma. Cada autor geralmente tem um modo muito particular de ver e de contar os fatos/eventos de forma breve (são, geralmente, narrativas curtas).

Estabelecido o tema, o autor pode narrar eventos, pode apresentar argumentos, supor desdobramentos dos fatos, ou até imaginar:

“O portal para esse antiuniverso se abriu como uma rota de fuga e, quando tudo parece perdido, me pergunto o que estaria aprontando Aleunam, a doce e despreocupada Manuela ao contrário, nesse exato instante.”

Nesse trecho a cronista Manuela está imaginando como seria sua vida em outro universo.

Se um olhar particular sobre os fatos já dá ao texto originalidade, uma forma de conduzir a reflexão, que fuja a normalidade, dá contornos literários e acentua a originalidade de um ponto de vista.

3) participação do autor

O autor também pode ser um personagem do texto, ou seja, ele pode se revelar, através de suas opiniões e vivências, como podemos observar nas crônicas:

Posso ter sido reprovada em física no ensino médio, mas sou formada em três temporadas de “Stranger Things” e seis temporadas de “Lost”. (Manuela Cantuária)

Ando meio melancólica, com saudades da infância e da adolescência essa semana... (Angélica Castilho).

4) conversa com o leitor

O cronista pode convidar para o texto o seu leitor. Esse diálogo, normalmente com uma linguagem leve e informal, pode ser explícito, realizado com perguntas ao leitor, por exemplo, ou pode ser implícito, apenas usando um tom que lembra uma conversa franca.

a existência de um universo paralelo ainda não foi comprovada cientificamente, mas estamos em 2020, comprovações científicas saíram de moda e já não nos impedem de acreditar no que quisermos. (Manuela Cantuária)

Nesse trecho, o uso de “estamos”, “nos” e “quisermos” envolve o leitor, fazendo com que compartilhe da mesma perspectiva.

5) Reflexão sobre o tema

A crônica hoje em dia caracteriza-se por um olhar pessoal sobre os eventos reais ou ficcionais. Isso demanda por parte do cronista uma reflexão sobre o evento explorado:

O universo invertido faz mais sentido do que o nosso. (Manuela Cantuária)

Mais do que o bode expiatório sacrificado para purificar toda uma comunidade, ele nos dizia, embora na época eu não ouvisse tal voz, que ver o outro e criticá-lo mordazmente é não olharmos para nós mesmos e vermos como contraditórios, falhos, medíocres, infelizes somos. (Angélica Castilho)

Após listar as notícias tempestuosas da nossa sociedade, Cantuária percebe que o universo invertido seria melhor. Já Castilho reflete sobre as contradições do ser humano, incapazes da alteridade.

6) recorte temporal

Devemos lembrar que a crônica é um recorte temporal, isto é, uma reflexão sobre algum momento da nossa história:

Mais do que objeto para extravasar agressividade infantil reprimida, o Judas encarnava todas as faltas dos moradores da Fazenda Botafogo, e as pessoas que ele representava eram achincalhadas publicamente – adultos também praticam bullying, adultos praticam bullying o ano todo, mas ninguém comenta tal fato...

A cronista Angélica explora “a malhação do Judas” e o destaca sobretudo do período de sua infância, na região da Fazenda Botafogo.

7) personagens

Nas crônicas de hoje em dia, os personagens são pessoas comuns. Podemos notar esse aspecto nas crônicas lidas.

Manuela trata de pessoas anônimas e personalidade políticas, mas gente como a gente.

“(...) . Certamente não está hiperventilando por causa do noticiário enquanto banha um saco de batata palha e discute com seu vizinho bolsonarista pela janela. (...)”

“(...) governo federal garante a sobrevivência da vida pública de Mário Frias; oposição divulga nota de repúdio à nota de repúdio divulgada por general Heleno; (...)”

Angélica constrói o texto com pessoas de sua infância e de sua família.

“(...) o Judas era aquele que continha todos os “pecados” dos moradores, era o único culpado (...)”

“(...) Minha avó tinha um ditado que usava quando em nossa família falávamos mal de alguém (...)”

8) O gênero crônica definitivamente não possui uma receita, mas parte sempre de um olhar atento sobre os homens e o mundo, e é um gênero que mesmo tendo seu habitat em jornais e revistas é literário, um híbrido bem-sucedido, como aponta Antonio Candido, estudioso de textos literários, ao afirmar que: “para muitos [a crônica] pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura,” (CANDIDO, Antonio. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13.)

VÍDEO

Título: “Crônica - Brasil Escola”

Descrição: Aspectos da crônica: sua origem e seu papel hoje em dia.

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=2XcMASxk4oM>

FÓRUM

Título: “Que fatos despertaram seu desejo de comentá-los?”

Texto:

A crônica apresenta fatos com olhar crítico e conta histórias a partir de reflexões. Todos nós somos um pouco cronistas quando contamos histórias e ao mesmo tempo tecemos comentários, fazemos considerações, emitimos opiniões, enfim, construímos em narrativas fatos e valores conjuntamente.

Por isso, convidamos vocês a contarem para gente que fato pode virar uma crônica e por quê?

Réplica:

Crônica

O caso que aconteceu no dia 04 de junho, na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, do diretor de hospital que é recebido pelos colegas ao voltar ao trabalho depois de se curar da Covid-19 com aplausos pode virar crônica, porque pode-se narrar o trabalho dos médicos durante a pandemia, os conflitos, pode-se fazer reflexões sobre as pessoas ajudando as outras e sendo firmes ao combate à doença.

TEXTO 1

Título: “Notícia sobre um Mundo Paralelo”

Descrição: Crônica da colunista da Folha de São Paulo Manuela Cantuária.

TEXTO 2

Título: “Macaco, olha o teu rabo!”.

Descrição: Crônica da professora do CAp-UERJ Angélica Castilho.

PROPOSTAS

Proposta 1

Angélica Castilho parte de uma recordação da infância para refletir sobre uma característica universal do ser humano. Elabore uma crônica que siga esse modelo. Para isso, procure recordar um evento passado de sua vida e, a partir dele, refletir sobre algum tema universal.

Proposta 2

Manuela Cantuária relaciona as notícias do dia a dia a uma possibilidade científica. Escreva uma crônica sobre as notícias do dia a dia, destacando delas uma unidade ou uma visão pessoal sobre os fatos.

Proposta 3 para o Fundamental 1

MINHA VIDA DE CÃO

por Ariane Bomgosto

Pela frestinha da janela posso ver o sol entrar. Sinal que já é de manhã. Pior. Sinal que é hora de acordar. Não é que eu tenha preguiça. Afinal, preguiça de quê? Já sei que meu dia, como todos os outros trezentos e poucos dias que se passaram desde que vim ao mundo junto com os meus outros doze irmãozinhos, será mais um dia de sono, até que este mesmo sol, que vejo raiar agora, faça o favor de ir embora. Só nesta hora, enfim, poderei sair para passear, como também já é de costume.

Minha orelha esquerda levantou. Opa. Esta é a prova definitiva de que o relógio está marcando exatamente sete horas da manhã. Vamos lá. Um olho de cada vez. Primeiro

o direito, lentamente. Deste ângulo, vejo dois pezinhos pequenos encostarem no chão. Dois seriam se eu não tivesse esquecido mais uma vez de abrir o olho esquerdo. Admito. A memória não é lá o meu forte. Pois bem, são quatro. Agora com certeza. Os dois de mamãe e os dois de papai. Demorei um pouco para me acostumar a chamá-los assim, afinal, mamãe e papai verdadeiros, não vejo desde que eu nasci. Eles ficaram na minha antiga casa, de onde fui tirado quando este casal, que agora vejo bem nitidamente, resolveu me adotar.

Eu gostava da “casinha de sapé” – nome que eu e meus doze irmãozinhos combinamos de chamar àquela casinha pequenina em que nascemos. Lá, tudo era pequenino e vivíamos todos amontoados, uns caindo por cima dos outros. Mas mamãe fazia com que tudo estivesse sempre aconchegante. Não estou reclamando da minha casa de agora. Aqui é bem maior e é pertinho da praia, onde posso fazer aqueles buracos na areia e me esconder depois. Já não me lembro mais nem do nome, nem da carinha daqueles doze danadinhos que nasceram junto comigo. Desta vez, não vou por a culpa na minha memória. É uma daquelas coisas explicadas por essas circunstâncias da vida que não têm explicação. Quando saí de lá, eu só tinha cinco dias de vida, então, dá um desconto.

Meu nome original - aquele que recebi quando nasci - é Joca, mas desde que cheguei aqui, percebi que os seres humanos demonstram carinho com nomes terminados em “inho”. Pois bem, passei a me chamar Binho. A única coisa de que não gosto muito é quando a mamãe – essa de carne e osso – fica apertando minhas orelhas. Fico logo bravo e mostro os dentes para ela. A outra mamãe – aquela de pêlos como os meus – não fazia isso.

Mas o que ainda estou fazendo aqui debaixo da cama? Me perdi nos meus pensamentos e nem vi a hora passar. Vou lá na cozinha porque mamãe, como todos os dias pela manhã, já deve ter posto o meu leite naquela tigelinha. Exagerada como mamãe, eu nunca vi. Tirou uma foto minha e colou neste pratinho. Achei meio infantil. Na verdade, acho que meu pai e minha mãe não se deram conta que a idade biológica de uma pessoa não corresponde à idade biológica de um cãozinho como eu. Portanto, com um ano e pouco, já sou adulto.

Eles saíram, foram trabalhar. Ainda não entendi por que os humanos trabalham tanto. Acho que quero ser um deles na minha próxima encarnação. Ou melhor, não quero não. Esta vida de dormir, passear na praia e brincar com os meus donos é muito boa. Se pudesse ser outra coisa na minha próxima vida, seria um cãozinho de novo, só que com menos pêlos, porque estes insistem em cair no meu rosto, e, quando esbarram no meu focinho, me dão vontade de espirrar.

(Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/vercronica.php?codigo=1>>. Acesso em: maio 2020.)

Ariane Bomgosto é jornalista e escritora e, em seus textos, o universo infantil está sempre presente. Na crônica acima, a autora apresenta a vida a partir do olhar de um cãozinho e alguns pensamentos sobre a vida são apresentados.

Qual desses pensamentos em relação à vida você considera que uma criança também poderia ter? Por quê?

Escreva um outro final para a crônica. Mas se lembre de que precisa fazer sentido com tudo que é narrado.

a crônica REFERÊNCIAS:

ANDRADE, M. L. da C. V. de. "As Crônicas de Carlos Heitor Cony e a Manutenção de um diálogo com o leitor" in: PRETI, Dino (org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005.

BOMGOSTO, Ariane. Minha Vida de Cão. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/vercronica.php?codigo=1>>. Acesso em: maio 2020.

BRASIL ESCOLA. Crônica - Brasil Escola. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2XcMASxk4oM>>. Acesso em: abr. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANTUÁRIA, Manuela. Notícias de um Universo Paralelo. Folha de S. Paulo. Terça-feira, 26 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.pressreader.com/brazil/folha-de-s-paulo/20200526/282286732473338>>. Acesso em: abr. 2020.

CASTILHO, Angélica de Oliveira C. Pereira. Macaco, olha o teu rabo! Blog Jornal Nossa Voz CAP-Uerj. Sábado, 11 de abril de 2020. Disponível em: <<https://jornalnossavozcapuerj.blogspot.com/2020/04/macaco-olha-o-teu-rabo.html>>. Acesso em: abr. 2020.

FARIA, M. A. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. Como usar o jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO. Manual de Redação. São Paulo, 1992.

HARTUIQUE, D. L. L. "Crônica jornalística: um gênero ambíguo de texto" in: PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. *Texto e Discurso: Mídia, Literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2007.

LIMA, A. X. *Crítica Textual e Corpora para a Linguística Histórica: Padrões Ortográficos Oitocentistas em Folhetins (crônicas) e França Junior*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

_____. "Gêneros textuais: definição e funcionalidade" in: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. & B., M. A. *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

O ESTADO DE S. PAULO. *Manual de Redação e Estilo*. São Paulo, 1990.

PEREIRA, C. da C.; PINILLA, M. A. M. de; COSTA, M. C. R.; OLIVEIRA, M. T. I. de. in: PAULIUKONIS, A. & SANTOS, L. (org). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C. & TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SOARES, A. *Gêneros Literários*. São Paulo: Ática, 2006.

O trabalho A Crônica de Alexandre Xavier Lima, Angélica de Oliveira Castilho Pereira e Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.